

MORFOLOGIA DO SUBSTANTIVO XERENTE

Jayme Célio Furtado dos Santos (UERJ)

RESUMO

Descrever o processo de nominalização na língua indígena Xerente, através de pressupostos sócio-cognitivistas.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística, Funcionalismo, Morfologia, Nominalização, Línguas Indígenas

Considerando-se serem variadas as concepções em torno do que se entende por morfologia, mesmo não sendo nosso objetivo aqui uma discussão mais exaustiva de tais conceitos, faz-se necessário, todavia, esclarecermos que a ênfase do nosso trabalho recai sobre a relação entre aspectos sócio-culturais e lingüísticos presentes na nominação xerente. A língua é um instrumento de comunicação da experiência. Ao privilegiarmos tal relação, adotamos, portanto um enfoque funcional da língua à guisa de arcabouço teórico.

Cumpre-nos ainda sinalizar o conceito de morfologia que ora adotamos nesse estudo: “Morfologia é o estudo da formação das palavras, e seus constituintes internos”. Consideradas as especificidades de cada língua, é abrangente o objeto de averiguação da morfologia. Fazem parte dos estudos morfológicos conceitos como o de morfe e alomorfe, raiz, radical e a noção de morfemas – presos (afixos, clíticos) e livres; a morfologia investiga ainda os processos de formação de palavra (derivação, flexão, incorporação e reduplicação). Cabem aqui as palavras de Sandmann (1997, 11 e 12) quando, em estudo baseado na língua portuguesa, afirma:

O estudo da morfologia é então o estudo da palavra, não das funções que ela pode desempenhar dentro da frase, o que seria objeto da sintaxe, nem de sua composição fônica ou silábica, o que seria tarefa da fonologia, mas de sua composição ou estrutura : se palavra variável ou invariável, isto é, se, em função de sua semântica ou papel na frase, ela pode ser ou não acrescida de unidades constitutivas, em geral significativas, chamadas flexões; se palavra simples ou complexa, quer dizer, se constituída apenas de raiz ou radical (ontem, relógio) ou se de mais morfemas lexicais, a saber, se

de mais de um radical ou raiz (presente-músico) ou se de radical mais um ou vários afixos (...)” (Sandmann1997, 11e 12)

Uma outra questão (e não pouco discutida) que se insere, tradicionalmente, nos estudos morfológicos é a organização das palavras em classes. No esforço por responder satisfatoriamente a quantas e quais seriam as classes de palavras, lingüistas ao longo das eras vêm produzindo ampla literatura lingüística. Sendo consensual o fato de que podem ser reconhecidas nas palavras características de ordem semântica (sentido), morfológica (forma) e sintática (função), a morfologia, a partir da adoção de dado critério, procede a distribuição das palavras em classes.

Se a palavra pode ou não receber flexão dentro de uma frase, é uma preocupação que se enquadra no critério morfológico. Havendo o enfoque da função ou distribuição da palavra dentro de unidades maiores o critério será sintático. Já o critério semântico leva em consideração as diferenças de significado.

Para Basílio (1999:59) é importante estabelecer uma certa hierarquia quando da utilização dos critérios, uma vez que a utilização de um critério em detrimento de outro facilitará a determinação da respectiva classe da palavra

Assim sendo, concordando com Sanwann, procederemos a análise morfológica do substantivo xerente focando a palavra em si e sua estrutura, ou seja, o processo de composição da mesma.

No que concerne a discussão sobre qual critério trabalhar, o fato de utilizarmos como instrumento de pesquisa para obtenção dos nossos dados questionário padrão do Museu Nacional (sendo este iminentemente idealizado numa perspectiva semântica) leva-nos a admitir certa primazia sobre o critério semântico, sem, no entanto, deixar de considerar a concepção de Basílio sobre hierarquização de critérios.

Na conceituação dos critérios necessários para a definição de Classes de Palavras, seguindo uma trajetória que passa pela discussões de autores como Carlota, Azuaga, Sandmann e Basílio¹, percebemos da seguinte maneira tais critérios:

Critério morfológico ou formal

Considera se a palavra pode ou não receber flexão dentro da frase.

¹ Para identificação das respectivas obras consultar bibliografia deste trabalho.

Critério sintático

Leva em conta a função ou distribuição da palavra dentro de unidades lingüísticas maiores.

Critério semântico

Basicamente trabalha com o tipo de significação das palavras.

Para a determinação do substantivo em xerente procuramos trabalhar com o critério semântico, uma vez que para teóricos como Basílio (1999,50), devido a sua própria natureza o substantivo é mais facilmente definido do ponto de vista semântico, haja visto que o mesmo é definido como a palavra com que designamos os seres. É importante registrar que através da análise dos dados constatamos que assim como outros povos indígenas o xerente faz certa distinção entre os substantivos. No asteca do istimo por exemplo, alguns substantivos são sempre possuídos, outros são facultativamente possuídos e outros não são nunca possuídos.

Termos de parentesco, partes do corpo e alguns outros itens são sempre possuídos, enquanto que os substantivos que se referem ao sol, lua, céu, chuva, etc., não são nunca possuídos. Outros substantivos podem ser possuídos ou não. Observando atentamente os quadros abaixo percebemos que no Xerente, o substantivo pode ser obrigatoriamente, facultativamente ou não possuídos.

Marcas de Posse do substantivo xerente

Substantivos obrigatoriamente possuídos		
Marca de posse de 3ª pessoa (da)	Marca de posse de 1ª pessoa (i)	Marca de posse de 2ª pessoa (ai)
Dado 11- dazdawa “Boca”	Dado312- izdawa “minha boca”	dado312,b- aizdawa “sua boca”
Dado 09- dankrê “nariz”	Dado310,a- inkrê “meu nariz”	dado310,b- ainkrê “seu nariz”
Dado 182- dazeparkwa “mãe”	Dado313,a- izeparkwa “minha mãe”	dado313,b- aizeparkwa “sua mãe”

Colocando os dados acima em contraste percebemos que junto ao nome quando o mesmo não é marcado pelo seu possuidor ocorre sempre a marca “da”. Em xerente “boca” é “kwa”, mas nunca vamos ouvir ou registrar tal palavra desta forma, pois para o falante tem que existir o elemento possuidor, então se não sei quem é o dono da boca, do nariz, da mãe, utilizo a marca “da”, pois é como se estivesse dizendo “boca de al-

guém”, “nariz de alguém” e “mãe de alguém”. O prefixo “da” é predominante na maioria dos substantivos que dão nomes às partes do corpo humano e nos que expressam termos de parentesco, dando o sentido de subcategorização de posse, funcionando como morfema de possuidor não identificado.

No exemplo abaixo não encontramos a marca “da”, uma vez que temos Suke) o dono do dente presente, ou seja, o elemento possuidor:

Suke) kwa ze-ki → Suke) está com dor de dente

Suke) → Nome próprio masculino

kwa ze → dor de dente

Substantivos facultativamente possuídos	
Dado 44 – cachorro – wapsã.	Dado 85 - flor – sirnã .
Dado 73 – milho – nozâ	Dado 79 - árvore – wdê .
Dado 77 – fumo – wari .	Dado 46 - onça – huku .

ki → funciona como verbo de ligação

Para esta classe de substantivos não há uma marca que ocorra marca de posse obrigatoriamente, mas sim marca que indique o sujeito possuidor. Pode se falar de casa, de árvore sem que necessariamente tenha o sujeito possuidor, o que não ocorre na classe dos obrigatoriamente possuídos, pois se existe um olho, um dente, uma mãe, é necessário que se tenha o sujeito possuidor, logo se desconheço o sujeito possuidor, a língua exige a presença da partícula “da”.

Considerando ainda os substantivos facultativamente possuídos, listamos alguns exemplos abaixo, registrando respectivamente o mesmo substantivo sem e com a marca de posse:

a) Kri zawre → “casa grande” b) Wai)tê Kri → “minha casa”

Kri → Casa
soa

wa → pronome de 1º pes-

Zawre → grande

i)tê → marca de posse /

kri → casa

Substantivos não possuídos	
Dado 101- Lua – wa.	Dado 103- Estrela – wasi .
Dado 99 - Sol – sdakro .	Dado 98 – Céu - hêwa

A cosmovisão de uma sociedade é a interpretação que um povo faz da realidade ao seu redor e do papel do ser humano dentro desta realidade. As pressuposições em relação à realidade variam de povo para povo. O estudo das marcas de posse no xerente nos permite constatar a intrínseca relação entre a língua e a perspectiva que o xerente tem da realidade ao seu redor: Sol, lua, estrelas, céu... não tem a marca “da” pois não podem ser possuídos. Dessa forma, como os funcionalistas internalistas, observamos que a gramática da língua xerente é semanticamente dependente, e cognitivamente motivada. O enunciado lingüístico sofre a interferência dos processos cognitivos. O processo gramatical é gerado na mente de um homem que vive em sociedade e está imerso em uma cultura. Chiaveggato (2000:36) afirma:

As construções gramaticais são combinações estruturais que ativam relações entre os conhecimentos que temos na mente e a natureza das situações comunicativas em que se atualizam. Elas têm, então, a função de ativarem a construção dos sentidos da linguagem, um processo dinâmico em que se correlacionam os elementos formais que as estruturam e os conhecimentos que os falantes têm arquivados em domínios mentais) (Chiaveggato, 2000: 36-37)

Nominalização xerente

Concernente a descrição da nominalização, algumas constatações:

Nominalização – Substantivo abstrato a partir de verbo

$[X] > \{ [X] + Ze \} =$ N Abstrato (ou seja um verbo X acrescido do sufixo –Ze deriva um substantivo com o significado “ato de X”).

V V

Exemplos de nominalização em xerente

Verbo	Tradução	Substantivo Abstrato	Tradução
Ne)re)	Sepultar	nre)-ze	sepultamento
Kmã simãzusi	Pensar	simãzus-ze	pensamento
Kune	Destruir	Kune-zê	destruição

Morfologia dos substantivos deverbais

As formas X – Ze

O processo de nominalização que forma substantivos abstratos deverbais na língua xerente, acarreta a perda de uma das vogais do verbo, quando a este é acrescido o sufixo nominalizador “-ze”. Essa perda da vogal se dá através da seguinte regra :

a) A existência de duas ou mais vogais idênticas de mesma qualidade, acarreta a perda da penúltima destas vogais, após o acréscimo do morfema “ze”.

V O = Vogal Oral / V. N = Vogal Nasal / NZR = Nominalizador

Rowah – u – t – u → “ensinar” → rowahtu – ze → “ensinamento”

VO VO ensinar NZR

Krewat – o – br – o → “aparecer” → krewatbro – ze → “aparecimento”

VO VO aparecer NZR

Através dos exemplos acima observamos que, a perda da vogal só acontece quando as duas últimas vogais do vocábulo base forem idênticas. Quando essas duas últimas vogais do vocábulo base não possuírem fonemas idênticos, não haverá perda de vogal no processo de formação de substantivos abstratos deverbais. Exemplos:

Hêmba – ze → “existência” Wakhâ – ze → “pagamento”

Existir NZR Pagar NZR

Semântica dos verbos que podem ser nominalizados através do acréscimo do suf. “-ze”

a) Há verbos de ação abstrata que quando acrescidos do sufixo nominalizador “-ze”, se transformam em nomes cujos significados também são abstratos. Exemplos:

Simãzus-ze → “pensamento” / spokrpku-ze → “lembrança” / hêmba-ze → “existência”
pensar NZR lembrar NZR existir NZR

b) Há verbos que indicam ação concreta que ao receberem o sufi-

xo nominalizador “-ze”, passam a ter o sentido de substantivos abstratos. Exemplo:

Nre)- ze → “sepultamento”

Sepultar NZR

c) Existem verbos de ação concreta que quando nominalizados através da partícula “-ze”, podem denotar o sentido concreto ou abstrato dependendo do contexto em que forem usados. Exemplo:

Zazar -ze → “parada”

parar NZR

d) Há verbos de processo que ao serem nominalizados através do sufixo “-ze”, adquirem significado abstrato. Exemplo:

Nipttê -ze → “fortalecimento”

fortalecer NZR

Semântica do sufixo nominalizador “-ze”.

O sufixo nominalizador “-ze” não tem semântica específica; quando acrescido ao verbo, sua função restringe-se unicamente à nominalização verbal. Nesse caso, a partícula “ze” passa então a ter implicações sintáticas. Exemplo:

pke hri-ze → “salvação” salvar NZR

No exemplo acima, o sufixo “-ze” atribui ao verbo de ação um resultado. E esse resultado que é um nome, já passa a representar uma nova função sintática quando utilizado na frase.

Semântica dos substantivos deverbais -X -ZE

Os substantivos deverbais conservam o mesmo significado dos verbos de que derivam, apenas passam a exercer a função sintática de nomes.

A função do substantivo deverbal é transformar uma estrutura verbal em uma nominal de mesmo significado. Exemplos :

Rowahtu - ze → “ensinamento” Pke hri-ze → “salvação” Sikrãikwanre-ze → “batismo”

A formação de substantivos deverbiais agentivos

São formados com o acréscimo do sufixo “kwa” a uma base verbal, tendo a interpretação de “aquele que X”. A regra a seguir formaliza este processo :

$$\star [X] \rightarrow [[X] \text{ “kwa”}]$$

V V Agentivo. “aquele que “X”.

☆ Informa que um verbo X acrescido do sufixo “kwa” deriva um substantivo com o significado “aquele que X”.

Exemplos deste processo de nominalização na tabela abaixo

Xerente Verbo	Tradução	Xerente Subs. concreto	Tradução
Sãmri	Achar	sãmri-kwa	achador
Pke) hiri	Libertar	pke) hri- kwa	libertador
Kui)kre	Escrever	kui)kre-kwa	Escritor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho resulta de uma tentativa de trabalhar o fenômeno lingüístico da nominalização dentro de uma moldura teórica que resulta de uma linhagem intelectual muito rica, de base interdisciplinar, que postula, como essência na pesquisa, a análise dos fenômenos da linguagem no estudo da construção do sentido. A Lingüística Funcional Cognitiva, ilustrada neste trabalho com o caso da nominalização Xerente, nos permite perceber nas palavras de Salomão que não dá para trabalhar focando o significante de uma forma exclusiva. A etnometodologia de Goffman, quando fala do drama, do jogo e do rito mostrou-se absolutamente adequada para o entendimento do que se constrói com a ação comunicativa e por fim, o campo de trabalho da lingüística sociocognitiva oportuniza, pelo seu próprio caráter interativo com outras descobertas científicas, a busca da compreensão de processos de projeção e bases de conhecimentos consolidadas e reafirmadas da nossa experiência cultural, da nossa história pessoal e os domínios que nós construímos para o propósito da interpretação, propósito que acaba, precário, no momento mesmo que ele se realiza. Toda essa gama de fatores tem consonância com as palavras de Chiaveggato (2000:63).

Como sujeitos imersos em um mundo ao mesmo tempo físico e sociocultural, renovamos a cada dia as experiências que arquivamos em formas de conhecimentos". (Chiavegatto 2000: 63)

Como consideração final, mesclamos a nossa voz a de Salomão(1999:12) e Chiavegatto(2000: 18) em a resposta a indagação inicial deste trabalho:

A rigor, para que existiria a linguagem? Certamente não para gerar seqüências arbitrárias de símbolos, nem para disponibilizar repertórios de unidades sistemáticas. Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações. Se se concebe a linguagem nestes termos, são completamente diferentes as perguntas que vale a pena formular. (Salomão 1999:12, e Chiavegatto2000: 18)

BIBLIOGRAFIA

- AZVADA, Luísa. Morfologia. In Faria et alii (org). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa : Editorial Caminho, 1996.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis : Vozes, 1980.
- CHIAVEGATTO, Valéria e FERRARI, Lílian. *A motivação conceptual da Gramática*. [s.l.], Matraga, [s.d.].
- SALOMÃO, Margarida. *Polysemy, aspect and modality: the case for a cognitive explanation of grammar*. Berkeley : Uc Berkeley. Tese de doutorado. 1990.